

PACTO PELA VIDA

por Émile Chartier (Alain)

L'ACCORD POUR LA VIE

par Émile Chartier (Alain)

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v12i3.58330>

Tradutoras*

Diule Fideles Souza da Silva
Jade Oliveira Chaia
Michelly Alves Teixeira

* Integrantes do *TraduXio* - Grupo de Tradução de Língua Francesa da Universidade de Brasília.

Pacto pela vida¹

Fala-se muito convosco, fala-se até em demasia sobre a luta pela vida. Todos os momentos críticos de vossa existência, como já vos foi suficientemente repetido, serão como batalhas, para as quais vos armamos com inteligência e vontade. Dentro em breve coroaremos os mais fortes dentre vós, como que assinalando-os para a vitória; e esta distribuição de prêmios tornar-se-ia, assim, o triste símbolo da vida na qual estais prestes a ingressar, pois é frequente a afirmação de que o homem nasceu para lutar contra o próprio homem, e que a vida é um combate no qual os derrotados, inevitavelmente, estariam em falta.

Poder-se-ia conceder apenas medíocre atenção a esses aforismos da sabedoria vulgar. Mas a Ciência – refiro-me à falsa Ciência, àquela que não saiu da Caverna e se entrega a pueris conjecturas sobre as sombras que vê passar – pretendeu fazer dessa afirmação banal uma espécie de dogma; e eis que ela sustenta:

O ser vivo possui necessidades às quais a riqueza da Natureza mal consegue suprir. Consequentemente, tudo aquilo que um ser toma para si, dele arranca aos outros; a vida de um implica a morte de outro. Lobos que se disputam uma presa, tal é o símbolo exato da existência de tudo quanto vive. Pois o homem é também um lobo do homem. Ainda que ele trouxesse em si os mais generosos instintos, ainda que fosse feito para Amar, a necessidade o conduziria a Odiar. O homem, por mais superior aos animais que se o suponha, possui um corpo: é escravo da Natureza; por seu corpo, submete-se à lei universal da luta. Somente os mais fortes e os mais habilidosos sobrevivem. Dessa forma, o próprio progresso, essa palavra grandiosa com que a humanidade se inebria e se ilude, não passaria de uma vitória dos mais bem armados sobre os demais. O progresso é a eliminação inevitável dos fracos, e a felicidade de alguns é necessariamente construída sobre a infelicidade dos outros.

¹ Discurso proferido na distribuição dos prêmios no *Liceu de Lorient* em 1895. Publicado no *Le Nouvelliste*, em 4 de agosto de 1895.

Mas, e então, donde vêm a confiança, a simpatia, a dedicação? Donde vêm a fé nos juramentos, o amor à família, o culto à Pátria? – Tudo isso, replica a falsa Ciência, não passa de convenções e hipocrisia. O homem luta pela vida, apenas o faz com inteligência. A habilidade, nele, soma-se à força; por isso o homem [só]^{II} se alia ao homem para lutar contra o homem. Na falta de argumentos, a história no-lo demonstraria. Existiu um povo no qual o culto ao lar, a devoção à Pátria, o sacrifício do indivíduo ao Estado atingiu o mais alto grau concebível: esse povo foi o Romano, e o povo Romano conquistou o mundo.

Eis, senhores, resumidamente, a concepção que uma ciência de vistas curtas faz das exigências da vida. Se bastasse registrar tal veredito, porventura não teria sido melhor que eu vos falasse de outra coisa, e que vos conduzisse, por alguns instantes, para longe das exigências da vida prática, à morada serena do filósofo?

Mas assim não é. Esse pretenso dogma é falso. Tal resultado da experiência é refutado pela própria experiência. Essa concepção da vida é contrária às leis da Vida. Não se deve dizer ‘Luta pela vida’, mas sim ‘acordo pela vida’.

Quando a Ciência vos diz que a Vida é uma luta impiedosa, a Ciência se equivoca. Em vez de ser o comentário daquela máxima célebre, ‘Ai dos vencidos’, o estudo dos seres vivos ilustra antes esta outra, muito mais profunda: ‘Ai daquele que está só’.

Conheceis, caros alunos, o antiquíssimo apólogo dos Membros e do Estômago. Os Membros resolveram, certo dia, viver como perfeitos egoístas, pondo em prática a máxima ‘cada um por si’, e não o conseguiram. Não digo que disso tenham padecido. Digo mais: afirmo que disso morreram, e que, assim, o egoísmo absoluto não só lhes foi nocivo, mas mostrou-se, inclusive, impossível.

Ora, esse apólogo, por mais ingênuo que aparente à primeira vista, tornou-se uma verdade científica. Um corpo organizado é uma cidade que

II Palavra adicionada pelos editores.

somente existe e subsiste pela união e pela perfeita solidariedade dos seres vivos que o compõem.

No fundo dos mares jazem massas inertes, sem forma e, em aparência, desprovidas de vida. Esses seres, contudo, estão vivos, mas dormem. Os movimentos do mar os alimentam; a espessa camada das águas os protege. São indiferentes uns aos outros porque são indiferentes a si mesmos; não sofrem, portanto, não amam.

Mas, bastando que a camada protetora do mar lhes venha a faltar, e que alguns desses seres rudimentares experimentem as ações nocivas de um meio novo, imediatamente tudo se desperta, tudo se agita. Os movimentos imperceptíveis que eram como o sopro desses seres adormecidos, intensificam-se, unem-se, tornam-se mais precisos. Todo choque recebido por cada um dos elementos repercute-se através de todos os demais. Estabelece-se entre eles uma comunidade de ações e reações. Cada qual realiza, com mais vigor, os movimentos que lhe são próprios. A Organização, a Coordenação das ações, isto é, a própria Vida, tem início com a associação. A aglomeração torna-se organismo. A massa indistinta torna-se indivíduo, e todo indivíduo vivo é, em verdade, uma cidade, uma nação, cuja lei se resume neste único termo: Devotamento. Por que razão os braços se estendem para a frente a fim de repelir um perigo que não os ameaça? Por que uma simples picada imprime ao organismo inteiro movimentos desordenados? Por que o coração, oculto sob o vosso peito, bate mais forte apenas porque vossos olhos percebem um perigo? Por que tamanha solidariedade, senhores, senão porque a lei da vida é a vida em sociedade?

Se o egoísmo estivesse, de fato, na essência da vida; se o instinto de conservação fosse o primeiro de todos os instintos, porventura as partes se sacrificariam assim pelo todo? Não aguardariam, antes, serem elas próprias prejudicadas para, então, agir? Ao contrário: elas vigiam, elas agem, não por si mesmas, mas para preservar a potência e a beleza do todo.

Um homem encontra-se adormecido; nada o distingue de uma estátua habilmente esculpida, ou seja, de um simples agregado de elemen-

tos materiais justapostos. Mas um ruído atravessa o ar. Seu ouvido não é simplesmente atingido, mas advertido. Imediatamente os olhos se abrem, os músculos se contraem, o corpo se ergue, os punhos se cerram, um sangue mais denso pulsa mais rápido nas artérias, e o peito acelera seus movimentos, como a prover-se de forças. Se o organismo, ao primeiro abalo, não despertasse inteiramente assim, diríamos que está enfermo, diríamos que está à beira da morte. O sinal da vida é a sensibilidade, e a sensibilidade é a solidariedade. O velho Empédocles dizia, com razão, que o Amor une e que o Ódio separa.

Mas essa lei da Vida, senhores, verifica-se em todos os graus da existência. O indivíduo, que é uma cidade em si, só pode viver dentro de uma cidade. Julgais viver sós, não depender de ninguém, e ter rompido os laços incômodos que vos uniam a vossos semelhantes. No entanto, a cidade vos ampara a cada passo, contra a Natureza e contra a vossa própria fragilidade. Desfrutais da experiência e da Sabedoria que vossos ancestrais adquiriram ao longo dos séculos. Já vos perguntastes, acaso, quanto trabalho previdente e quanta solicitude desinteressada estão contidos naquilo que chamamos de uma cidade? A rua que percorreis, a ponte que vós atravessais, o teto que vos abriga – tudo isso foi feito por outros, para vós. Nem mesmo pensais nisso, e justamente isso torna essa verdade ainda mais impressionante, pois é graças ao trabalho dos outros que vos é possível não o perceber.

É assim que o próprio Egoísta vive com a cidade; ele apenas pode viver como lobo porque não vive unicamente entre lobos. Aquele que não possui pátria somente pode subsistir se uma pátria o acolhe. Se a cidade o tratasse como ele a trata, rapidamente sucumbiria: o egoísta só pode viver sob o abrigo da Fraternidade.

Tais são as verdadeiras conclusões da ciência. A lei geral da Vida é a União, a Associação, a Solidariedade. Todo ser vivo é, em seu íntimo, sociável e generoso; o egoísmo não passa de uma anomalia superficial, que apenas o altruísmo tornou possível. Insisto, senhores, nesta afirmação: o homem não nasce egoísta, torna-se tal. Como se pôde, tantas vezes, ignorar uma verdade tão evidente! Se o homem fosse egoísta por natureza, os mais simples dentre os homens apenas pensariam em

si e apenas por si agiriam. Mas, ao contrário, as crianças e os selvagens agem por agir. Amam os movimentos desnecessários; amam o perigo. É a reflexão mal orientada que engendra o egoísmo sob sua forma mais comum e mais significativa: o temor da morte. O homem que muito reflete, o homem que pensa somente por si teme a morte. O homem que age não a teme.

Há mais, muito mais. O esquecimento de si é tão necessário ao homem que nele culminam as mais egoístas de todas as paixões. Certamente o Avaro é egoísta; é por si que deseja o ouro. Certamente o Ambicioso é egoísta; é por si que deseja o poder e as honrarias. E, no entanto, o Avaro, impellido por sua própria natureza, sacrifica-se ao seu ouro; o Ambicioso sacrifica-se à sua quimera.

Muito se têm lamentado os horrores da guerra. Contudo, nela discirno algo de admirável: é essa Fraternidade que o perigo comum cria entre os homens, que os aproxima e os une de tal modo que cada qual confia tanto nos outros quanto em si mesmo. É o sono de todos sob a proteção de um só; os homens dormindo uns junto aos outros; o mais forte tornando-se pela força das circunstâncias, o conselheiro e protetor do mais fraco.

A guerra parece fornecer um argumento àqueles que não querem ver no homem senão o instinto da luta. A realidade, porém, nos dá o maior exemplo de solidariedade e de fraternidade. É talvez a própria guerra, essa luta sem piedade, que melhor demonstra que o homem não nasceu para combater a si mesmo, e que o egoísmo não constitui a base de sua natureza. Qual é, pois, o homem que faz a guerra por si mesmo? Qual é a quem o instinto de conservação leva ao combate? O egoísmo jamais o levará senão à fuga. Na realidade, o homem combate porque ama, porque se devota. A coragem, como o amor, vem do coração.

Assim, – uma observação mais cuidadosa e uma ciência mais rigorosa no-lo demonstram –, a vida não é uma concorrência, nem luta implacável entre egoísmos ferozes; a vida é, ao contrário, união e acordo. Nada pode viver pelo Ódio; nada vive senão pelo Amor. Sem dúvida, o homem muitas vezes age como se fosse egoísta: a reflexão aniquila, ou

ao menos enfraquece, os impulsos generosos do seu coração. Mas não está conforme à Ordem que o Coração seja subordinado à inteligência. que faria, de fato, o cérebro mais bem constituído, se o coração nele não enviasse um sangue generoso? Que poderia a inteligência, sozinha, sem sentimento, sem a Vida? A base de nossa natureza não é a prudência que calcula e prevê; é a generosidade, o esquecimento de si, o amor à ação em si mesma, a alegria de se consumir produzindo.

Cultivai, pois, vossa inteligência, caros estudantes, mas acautelai-vos também para que ela não subordine todo o restante, e para que o acessório não se torne o principal. Que vosso coração não seja enganado por vosso espírito. Pascal disse: “o coração tem razões que a Razão desconhece”; essa palavra profunda, entretanto, não é de exatidão absoluta. Pois, se o coração tem suas razões, a Razão as conhece e nelas se reconhece.

Toda a obra da Razão consiste em subordinar a Inteligência ao Coração.

REFERÊNCIAS

Publicação original

CHARTIER, Émile. L'accord pour la vie: discours de distribution des prix au lycée de Lorient. *Le Nouvelliste*, Lorient, 4 août 1895.

Recebido em 18 de março de 2025

Aprovado em 28 de março de 2025

Publicado em 31 de março de 2025

Diule Fideles Souza da Silva
Jade Oliveira Chaia
Michelly Alves Teixeira